

*“Nesta grande cidade... as casas se erguiam separadas uma das outras, comunicando-se somente por pequenas pontes levadiças e por canoas, e eram construídas com tetos terraceados. Observamos, ademais, os templos e adoratórios das cidades adjacentes, construídos na forma de torres e fortalezas e outros nas estradas, todos caiados de branco e magnificente brilhantes. O burburinho e o ruído do mercado... podia ser ouvido até quase uma légua de distância... Quando lá chegamos, ficamos atônitos com a multidão de pessoas e a ordem que prevalecia, assim como com a vasta quantidade de mercadoria... Cada espécie tinha seu lugar particular, que era distinguido por um sinal. Os artigos consistiam em ouro, prata, joias, plumas, mantas, chocolate, peles curtidas ou não, sandálias e outras manufaturas de raízes e fibras de juta, grande número de escravos homens e mulheres, muitos dos quais estavam atados pelo pescoço, com gargalheiras, a longos paus. O mercador de carne vendia aves domésticas, caça e cachorros. Vegetais, frutas, comida preparada, são, pão, mel e massas doces, feitas de várias maneiras, eram também lá vendidas. Outros locais na praça eram reservados à venda de artigos de barro, mobiliário doméstico de madeira, tais como mesas e bancos, lenha, papel, canas recheadas com tabaco misturado com âmbar líquido, machados de cobre, instrumentos de trabalho e vasilhame de madeira profusamente pintado. Muitas mulheres vendiam peixe e pequenos “pães” feitos de uma determinada argila especial que eles achavam no lago e que se assemelham ao queijo. Os fabricantes de lâminas de pedra ocupavam-se em talhar seu duro material e os mercadores que negociavam em ouro possuíam o metal em grãos, tal como vinha das minas, em tubos transparentes, de forma que ele podia ser calculado, e o ouro valia tantas mantas, ou tantos xiquipuls de cacau, de acordo com o tamanho dos tubos. Toda a praça estava cercada por “piazzas” sob as quais grandes quantidades de grãos eram estocadas e onde estavam, também, as lojas para as diferentes espécies de bens.”*

CASTILHO, Bernal Dias del – *“Historia verdadera de la conquista de la Nueva España”* – 2003 – biblioteca virtual universal - <http://www.biblioteca.org.ar/libros/11374.pdf> pp. 71

O recorte acima é importante pois, diferente da descrição de Hernán Cortez comparando a quantidade de pessoas e a beleza da cidade com as cidades europeias, Bernal descreve detalhadamente o mercado no centro de Tenochtitlán, o que a coloca basicamente no mesmo patamar de pluralidade e diversidade de itens e de fluxo de comércio, salvas as proporções, das grandes capitais europeias. Neste momento do mundo ocidental, onde o capitalismo estava emergindo e as trocas comerciais se tornando cada vez mais complexas, Tenochtitlán se coloca no mundo com um grande comércio. Esta é uma fonte escrita, um trecho de um livro de relatos.